

3. Operação Vístula-Oder, a morte do Terceiro Reich

João Claudio Platenik Pitillo

Introdução

A Operação Vístula-Oder foi uma das mais significativas ofensivas soviéticas da Segunda Guerra Mundial, marcando o colapso definitivo das defesas nazistas no Leste Europeu. Este capítulo analisa em detalhes os objetivos estratégicos, as forças envolvidas e as principais batalhas que levaram à libertação da Polônia e à aproximação do Exército Vermelho de Berlim, em janeiro de 1945. A ofensiva contou com intensa preparação de artilharia e manobras táticas decisivas, permitindo aos soviéticos romper múltiplas linhas defensivas alemãs e conquistar territórios estratégicos ao longo de todo o percurso. Esta análise também enfatiza o papel da propaganda nazista, a brutalidade dos combates e a relevância da Operação Vístula-Oder, cuja campanha consolidou a posição do Exército Vermelho às portas de Berlim, preparando o terreno para a batalha final contra o Terceiro Reich.

O contexto da operação

A Operação Vístula-Oder tinha como objetivos derrotar o que havia sobrado do Grupo de Exército Alemão “Centro”, completar a libertação da Polônia e criar condições favoráveis para desferir o golpe decisivo ao Terceiro Reich em

Berlim. No início de 1945, o Exército Vermelho avançava pelo leste e os aliados ocidentais, pelo oeste; assim, ambas as forças convergiam para Berlim, visando terminar com a aventura assassina de Hitler o mais rápido possível. A situação da Alemanha era desesperadora. Sem condições de reverter a conjuntura por vias militares, seus líderes trabalhavam por algum tipo de acordo que pudesse manter o Estado nazista de pé. Mas, para isso, necessitavam de tempo. No curso dos anos finais da guerra, grande parte dos recursos militares alemães, que não eram poucos, foi direcionada para o leste, a fim de deter os soviéticos.

Apesar das posições vantajosas para desferir o golpe final sobre a Alemanha Nazista, o Exército Vermelho enfrentava uma resistência obstinada por parte das principais forças inimigas, que não permitiam a possibilidade de uma ofensiva em toda a faixa que ia do mar Báltico aos Cárpatos, complicando a situação dos soviéticos (Grechko, 1985, p. 68). O Comando Alemão tinha 169 divisões, vinte brigadas e mais dezesseis divisões e uma brigada húngara, totalizando mais de 3,1 milhões de homens, 25.500 canhões e morteiros, 4 mil tanques e carros de assalto e grande quantidade de aeronaves. Esse era o contingente que o Exército Vermelho enfrentava no âmbito de suas operações em direção a Berlim. Já os aliados enfrentavam 107 divisões, muitas delas compostas por unidades de segunda linha.

O Quartel General Soviético do Alto Comando Supremo (STAVKA) planejava iniciar operações em todas as direções com o posterior desenvolvimento de uma ofensiva em profundidade para a captura de Berlim. Foi isso que predeterminou a escolha da direção do ataque principal da campanha no setor central da Frente Soviético-Alemã, nas zonas da 1ª Frente Bielorrussa e da 1ª Frente Ucraniana. Essas formações, tendo chegado ao rio Vístula (Polônia) durante os combates do final de 1944, mantinham três cabeças de ponte operacionais em sua margem ocidental, sendo elas Magnushevsky, Pulawy e Sandomierz, que, se bem utilizadas, poderiam proporcionar a distância mais curta até a capital alemã. No total, as duas frentes incluíam dezesseis exércitos (134 divisões), quatro tanques e dois exércitos aéreos, cinco tanques separados e um corpo mecanizado, três corpos de cavalaria, quatro corpos de artilharia de avanço, outras formações e unidades de vários ramos das forças armadas. Juntas, somavam mais de 2,2 milhões de pessoas, 36.436 canhões e morteiros, 7.049 tanques e artilharia autopropulsada e 4.772 aeronaves (Minasián, 1975, p. 402).

Os nazistas, por sua vez, prepararam sete linhas defensivas entre o Vístula e o Oder (Alemanha), escalonadas entre 300 km e 500 km. A primeira linha defensiva do Vístula, com uma profundidade que variava de 30 km a 70 km, era a mais fortificada, especialmente suas seções de contato com as cabeças de ponte de Magnushevsky, Pulawy e Sandomierz. Essa primeira faixa tinha seções cobertas com arame farpado, campos minados contínuos de 50 m a 100 m de profundidade e obstáculos antitanques.

O Comando da Operação Vístula-Oder objetivava atacar as cabeças de ponte no Vístula com a 1ª Frente Bielorrussa em direção a Poznan e com a 1ª Frente Ucraniana em direção a Breslau para cortar e destruir as principais forças do Grupo de Exércitos Alemão (A) em uma profundidade de avanço de 300 km a 350 km para a 1ª Frente Bielorrussa e de 280 km a 300 km para a 1ª Frente Ucraniana. Na ocasião, os soviéticos apostavam na sua artilharia autopropulsada para abrir caminho entre as fortes defesas nazistas.

Em 12 de janeiro de 1945, a 1ª Frente Ucraniana foi a primeira a partir para a ofensiva. Às 5 horas da manhã, após uma barragem de artilharia de quinze minutos, os batalhões avançados e suas divisões de fuzileiros atacaram o inimigo. Como resultado de uma batalha de cinco horas, os soviéticos destruíram os postos avançados, localizados na primeira linha de trincheiras, aproximaram-se da segunda e, em algumas áreas, invadiram até mesmo a terceira linha de trincheiras, onde foram detidos por forte combinação de artilharia, morteiros e metralhadoras dos alemães. Essa data de 12 de janeiro de 1945 também foi escolhida para ajudar os aliados que estavam em uma situação difícil nas Ardenas, motivo de um pedido de ajuda de Winston Churchill a Josef Stalin (Shtemenko, 1974, p. 327).

No plano da ofensiva, os soviéticos criaram um falso ataque, que foi realizado em todo o setor de avanço por pelotões da 1ª Frente Ucraniana, especialmente alocados para essa tarefa. Para repeli-lo, as unidades alemãs deixaram os seus abrigos e tomaram posições. Nesse momento, um poderoso ataque foi realizado sobre eles, completado por uma saraivada de artilharia de foguetes (Katyushas). Apesar de o mau tempo não ter permitido o reconhecimento aéreo, o poder de fogo inimigo foi suprimido de forma substancial, interrompendo o controle de suas unidades e comunicações (Kónev, 1985, p. 40).

Para completar o avanço na zona de defesa tática, derrotar as reservas operacionais do inimigo e interromper suas tentativas de ganhar uma posição nas linhas intermediárias, o Marechal Kónev enviou para a batalha o 4º e o 3º Exércitos Blindados de Guardas dos Coronéis Lelyushenko e Rybalko, bem como o 4º Exército de Guardas, o 31º e o 25º Corpo de Tanques. No final do dia, as formações do grupo de choque da 1ª Frente Ucraniana avançaram entre 15 km e 20 km. Continuando a ofensiva à noite, os destacamentos avançados dos exércitos de tanques soviéticos e as principais forças do 4º Corpo de Tanques de Guarda e o 31º Corpo de Tanques tiveram êxito em conseguir dominar mais posições inimigas.

Os destacamentos avançados dos exércitos de tanques e das unidades de guarda penetraram em profundidade na defesa do inimigo por cerca de 35 km. Na manhã de 13 de janeiro, chegaram ao rio Nida, criando uma cabeça de ponte. As operações de combate das tropas terrestres foram apoiadas pelo 2º Exército Aéreo do Coronel de Aviação Krasovsky. Apesar do mau tempo, suas formações e unidades realizaram muitas missões nos primeiros quatro dias de operações. Nos dois dias seguintes, quando as condições meteorológicas melhoraram, puderam ser ampliadas, a fim de neutralizar a defesa nazista.

Com um avanço em vários setores que estavam significativamente distantes entre si, as tropas da 1ª Frente Bielorrussa e da 1ª Frente Ucraniana, entre o terceiro e o quarto dia de operação, expandiram a frente ofensiva para 500 km e, ao final da operação, para mil quilômetros. A profundidade da operação atingiu 500 km e a taxa média diária de avanço foi de 25 km. Em alguns dias, o ritmo chegou a 45 km para formações de infantaria e 70 km para tanques (e demais mecanizados). Tais taxas de avanço territorial eram inéditas para o exército soviético até aquele momento.

Em 14 de janeiro, a 16ª Divisão Panzer alemã foi cercada e depois aniquilada por formações do 3º Exército de Tanques de Guardas e do 52º Exército Soviético nas florestas a oeste de Khmilnik. No dia seguinte, o 3º Exército de Guardas, o 25º Corpo de Tanques, o 13º Exército Soviético e parte das forças do 4º Exército de Tanques atacaram em direções convergentes, liquidando o agrupamento nazista no eixo Kielce-Radom e capturando a cidade de Kielce. Na continuidade da ofensiva, as tropas do grupo de choque cruzaram o rio Warta e libertaram a cidade de Czestochowa em 17 de janeiro de 1945.

Ao longo da ofensiva, de 12 a 17 de janeiro, as tropas da 1ª Frente Ucraniana romperam as defesas inimigas em uma zona de 250 km de largura, derrotaram as principais forças do 4º Exército Panzer e do 24º Corpo Panzer, infligindo grandes danos ao 17º Exército Alemão. Os soviéticos avançaram cerca de 120 km a oeste, forçando os rios Pilica e Warta. Logo, as condições se mostraram favoráveis para dirigir a ofensiva em direção de Breslau, Cracóvia e Silésia. O Comando da 1ª Frente Ucraniana, por sua vez, havia definido que era importante libertar a região da Cracóvia, por ser o principal acesso à região industrial da Silésia (Kónev, 1985, p. 40).

No mais, as operações de combate da 1ª Frente Bielorrussa começaram na madrugada de 14 de janeiro, realizando reconhecimentos em uma faixa com mais de 100 km de largura. Apoiados por uma intensa barragem de fogo, em cerca de noventa minutos a 1ª Frente Bielorrussa estava em condições de trazer as unidades de choque para a cabeça de ponte Magnushevsky. No final do dia, as principais forças do 8º Corpo do Exército Alemão foram derrotadas, com os soviéticos avançando por mais 10 km. As divisões de fuzileiros soviéticos conseguiram cruzar o rio Pilica em vários lugares, mas foram forçadas a parar por conta do fogo inimigo.

No dia seguinte, o Comando Alemão, em um esforço para retardar o avanço dos grupos de choque das Frentes Soviéticas, enviou todas as reservas operacionais, incluindo o 40º Corpo Panzer, para as áreas mais sensíveis. No entanto, essa tática não lhe permitiu alterar o equilíbrio de forças. Como resultado dos dois dias de ofensiva, os grupos de ataque das frentes soviéticas romperam a zona de defesa tática do inimigo de forma profunda e infligiram sérios danos às forças nazistas. A profundidade do avanço das tropas soviéticas da cabeça de ponte Magnushevsky atingiu cerca de 30 km e a do Pulawy, próximo de 50 km. Posteriormente, os locais de avanço nas duas cabeças de ponte foram fundidos em um só.

As reservas operacionais alemãs introduzidas na batalha pelo Comando do Grupo “Centro” sofreram perdas de até 50% e não conseguiram impactar significativamente o curso dos acontecimentos. É verdade que as tropas soviéticas não conseguiram cercar e destruir completamente o 46º e o 56º Corpo de Tanques Alemão, o primeiro na região de Varsóvia, o segundo entre as cabeças de ponte Magnushevsky e Pulawy. Mas, no geral, na primeira

fase da operação, a 1ª Frente Bielorrussa e a 1ª Frente Ucraniana romperam as defesas inimigas em uma zona de 500 km de largura e uma profundidade entre 100 km e 160 km. Como resultado de uma ofensiva bem-sucedida, os soviéticos capturaram grandes centros industriais e importantes redutos inimigos, como Varsóvia, Radom, Kielce, Radomsko e Czestochowa. Além disso, foram criadas condições favoráveis para lançar novos ataques em grandes profundidades.

As unidades inimigas, derrotadas nas batalhas iniciadas no dia 12, não puderam oferecer resistência séria às formações de tanques soviéticos, que mantiveram a sua integridade, contribuindo para o avanço final em direção de Varsóvia. Esses tanques rapidamente se separaram das divisões de fuzileiros, cobrindo 80 km em um dia, e, na noite de 16 de janeiro, chegaram à retaguarda dos alemães que guarneciam Varsóvia, cortando sua rota de fuga para o oeste. No mesmo dia, tendo retomado a ofensiva, formações do 47º Exército Soviético e do 1º Exército Polonês atravessaram o Vístula, capturaram cabeças de ponte a norte e a sul de Varsóvia, e parte das suas forças começou a combater nos arredores da capital.

Varsóvia foi libertada pelas forças polaco-soviéticas em 17 de janeiro de 1945, quando o 61º Exército Soviético envolveu a cidade através da cabeça de ponte de Magnushevsky pelo sul, ao passo que o 2º Exército de Tanques Soviético penetrara a brecha entre as tropas inimigas na área de Sochaczew (a oeste de Varsóvia), flanqueando a ala esquerda do inimigo. Para finalizar, o 47º Exército Soviético cercou Varsóvia pelo Norte, obrigando o Comando Alemão a se retirar da capital polonesa, permitindo assim que o 1º Exército Polonês pudesse entrar em sua capital (Grechko, 1985, p. 74).

Quando as ações do Exército Vermelho iniciaram, em 12 de janeiro, contaram com um fator determinante, que foi a preparação artilheira. Desde a Batalha de Kursk que os soviéticos vinham explorando o uso massivo e cada vez mais preciso da artilharia como parte principal de suas ofensivas, e novamente ela foi a grande responsável por desmantelar as defesas inimigas.¹ Recebendo

1 Isso ocorreu em parte porque os alemães haviam movido suas reservas para mais perto da linha de frente, entrando na zona de fogo devastadora da artilharia soviética, comprometendo tanto as divisões de seu primeiro escalão como também as reservas. Isso levou ao rápido colapso de todo o sistema de defesa alemão.

uma quantidade suficiente de munição, a artilharia soviética pôde realizar um bombardeio devastador, formando uma espécie de “poço de fogo”, responsável por desestabilizar por completo as defesas nazistas. As ordens de Berlim eram para que Varsóvia e o leste da Polônia fossem transformados em terras inexpugnáveis, mas a artilharia soviética não permitiu que isso acontecesse.

Seja como for, a libertação de Varsóvia pelos soviéticos foi um duro golpe para o Terceiro Reich.² O Alto Comando alemão não esperava que a 1ª Frente Bielorrussa, comandada pelo Marechal Jukov, e a 1ª Frente Ucraniana, comandada pelo Marechal Kónev, rompessem tão rápido as defesas escalonadas que os nazistas haviam erguido seguindo a estratégia de Hitler, que, ao ver o avanço soviético em sua direção, queria ganhar tempo e assim entabular negociações com os aliados. Contudo, os militares nazistas não foram capazes de deter os soviéticos na Polônia, cuja rapidez de seu exército pegou os alemães em Berlim de surpresa. Inclusive, a velocidade com que os soviéticos se aproximavam da fronteira alemã impediu que os nazistas erguessem ao longo do rio Oder defesas profundamente escalonadas, como fizeram no Vístula (Kónev, 1985, p. 82).

Ainda em 17 de janeiro de 1945, o STAVKA indicou as demais tarefas das frentes depois da libertação de Varsóvia. A 1ª Frente Bielorrussa deveria capturar Bydgosz, fronteira com Poznan, entre os dias 2 e 4 de fevereiro, e a 1ª Frente Ucraniana deveria continuar a ofensiva com as principais forças na direção de Breslau, chegar ao rio Oder até o dia 30 de janeiro e apoderar-se de cabeças de ponte em sua margem esquerda. Os exércitos da ala esquerda foram ordenados a capturar a Cracóvia e a região industrial da Silésia (Minasián, 1975, p. 404).

A partir de 18 de janeiro, as tropas das duas frentes começaram a perseguir o inimigo. O trabalho de perseguição foi conduzido em largas faixas, diuturnamente. As principais forças soviéticas moviam-se em colunas e desdobravam-se para a batalha apenas quando necessário. Usando tanques, artilharia autopropulsada e toda espécie de veículos de ataque, ambas as frentes, agindo em direções separadas, contornavam os centros de resistência alemã, antecipando-se às suas tropas na ocupação das linhas defensivas e dominando cruzamentos estratégicos.

2 Por sua vez, a liberação total da Polônia custou cerca de nove meses de intensos combates.

O Marechal Ivan Kónev narra que nesse momento da guerra a intensa máquina de propaganda nazista começou a aterrorizar seus militares. Goebbels mandara criar uma campanha massiva de notícias que falavam que os “bárbaros soviéticos” (também chamados de mongóis) não deixariam pedra sobre pedra na Alemanha e que o governo soviético exilaria a população alemã na Sibéria (Kónev, 1985, p. 51). O próprio filme alemão de 2024, *Goebbels and the Führer*, de Joachim Lang, retrata como o Ministro da Propaganda Nazista criou esses mitos sobre os soviéticos na fase final da guerra, a fim de fazer o povo alemão se mobilizar contra os soviéticos pelo medo.

Em resumo, num prazo de apenas 23 dias, a Operação Vístula-Oder, realizada em condições difíceis por conta do inverno, sob o comando dos Marechais Jukov e Kónev, avançou 500 km, ocupou a Cracóvia, cercou um grande grupo alemão em Poznan e libertou parte da Silésia. No final de janeiro e início de fevereiro de 1945, as tropas soviéticas chegaram ao Oder e capturaram várias cabeças de ponte em sua margem esquerda, encontrando-se a cerca de 70 km de Berlim. Esse feito foi realizado por mais de 2 milhões de homens e uma quantidade gigante de armas e equipamentos em uma escala nunca antes vista.

Depois que as principais forças do 9º e do 4º Exércitos Panzers foram derrotadas, o Comando Alemão foi forçado a concentrar seus esforços na manutenção das linhas de defesa e nas fortalezas, que tinham o objetivo de retardar o avanço das tropas soviéticas e ganhar o tempo necessário para a chegada de reservas. Somente no período de 18 a 20 de janeiro, o Comando Nazista transferiu sete divisões para as zonas ofensivas da 1ª Frente Bielorrussa e da 1ª Frente Ucraniana, incluindo uma divisão de tanques e uma motorizada. Sob tais condições, o Comando Soviético viu necessário impedir que o inimigo ocupasse as linhas defensivas em profundidade, proibir a restauração de seu comando e de seu controle violados e impedir a interação entre os agrupamentos de exércitos inimigos. Também entrou na ordem do dia dos soviéticos destruir as reservas inimigas que se aproximavam.

Ainda em 19 de janeiro, as unidades avançadas do 3º Exército de Tanques de Guardas, do 5º Exército de Guardas e do 52º Exército Soviético da 1ª Frente Ucraniana cruzaram a fronteira polaco-alemã. No mesmo dia, as forças soviéticas operando na ala esquerda libertaram Cracóvia após intensos combates,

abrindo caminho para a Alta Silésia. No entanto, nos arredores da região industrial da Silésia, o Comando do Grupo de Exércitos “Centro” conseguiu implantar até doze divisões de infantaria e tanques, desacelerando e, em várias áreas, até mesmo impedindo o avanço das tropas soviéticas.

Sabendo que o grupo de forças nazistas que estava na Silésia era poderoso, Kónev decidiu enviar forças blindadas e interarmas a partir do norte, do sul e do leste. Para além disso, uma espécie de torniquete foi montado para induzir um cerco, obrigando os nazistas a saírem da região, mas para isso foi preciso que o 3º Exército de Tanques de Guarda fizesse uma mudança brusca de rumo, representada por uma complicada virada de 90º das forças blindadas. Contudo, a ação foi concluída com sucesso, seguida por outras unidades que receberam ordem semelhante.

Em 19 de janeiro de 1945, na zona da 1ª Frente Bielorrussa, formações do 8º Exército de Guardas, em cooperação com unidades do 11º e do 9º Exércitos de Tanques e do 7º Corpo de Cavalaria de Guardas, capturaram um grande centro industrial da Polônia na região de Lodz. Em 22 de janeiro, o 2º e o 1º Exércitos de Tanques de Guardas se aproximaram da quarta linha defensiva alemã em Poznan. Essas linhas defensivas estavam dotadas de cidades fortalezas, como Poznan, Bydgoszcz, Torun, Schneidemuhl e Breslau. Nelas havia toda uma preparação defensiva que levava em conta o ambiente urbano, onde armas antitanques eram abundantes.

Na noite do dia 23, a Inteligência Soviética determinou a posição e a composição das forças inimigas na Silésia e, no dia 27, o Comandante Pavel Rybálko iniciou o ataque à cidade com o seu 3º Exército de Tanques de Guarda. Kónev posteriormente narrou que a região em questão era um “osso duro de roer”, contendo 110 km de comprimento e 70 km de largura. Suas construções eram todas de cimento armado (fábricas) e casas de alvenaria. Era defendida por nove divisões alemãs de infantaria, sendo duas blindadas, grupos de combates, duas brigadas, seis regimentos, 22 batalhões, um batalhão de polícia e várias unidades separadas (Kónev, 1985, p. 55).

Ao iniciar o ataque à Alta Silésia, Kónev estabeleceu o método de cerco, mas deixou um “corredor” para que os nazistas pudessem recuar. A ideia de Kónev era encurtar a batalha e preservar a cidade e sua estrutura industrial. Depois de dois intensos dias de batalhas, os nazistas perceberam que não

receberiam reforços e que muito menos conseguiriam resistir ao cerco, tendo assim de abandonar a região. No dia 29 de janeiro de 1945, toda a Alta Silésia foi libertada pelos soviéticos. Kónev revela que, ao chegarem à Silésia, muitas fábricas funcionavam e continuaram funcionando depois que os nazistas partiram.

A partir de 23 de janeiro, as unidades da 1ª Frente Ucraniana, comandada pelo Marechal Ivan Kónev, libertaram também a cidade de Opole. Apesar da obstinada resistência do inimigo, os exércitos do grupo de choque da frente chegaram ao rio Oder, quase em uma zona de 200 km, durante os dias 22 e 25 de janeiro. De imediato, lançaram um movimento vigoroso e capturaram cabeças de ponte nas zonas norte e sul de Breslau. No período de 23 de janeiro a 11 de fevereiro de 1945, as tropas de Kónev alcançaram o Oder em um amplo setor entre as zonas de Olava e ao noroeste de Opole. Ao transpor essa região, estenderam uma cabeça de ponte até a margem ocidental do rio Oder e até ao noroeste de Breslau, onde combates ferozes aconteceram (Minasián, 1975, p. 404).

No final de janeiro, formou-se uma lacuna de mais de 200 km de largura entre a ala esquerda da 2ª Frente Bielorrussa, que estava desenvolvendo uma ofensiva ao norte, e a ala direita da 1ª Frente Bielorrussa. Logo, os nazistas vislumbraram a oportunidade de atacar, introduzindo as suas forças nessa brecha. Então, fizeram um avanço contra a 1ª Frente Bielorrussa pelo norte com o objetivo de frear o avanço soviético e concentrar tropas na Pomerânia Oriental. Pesados combates logo se estabeleceram, mesmo assim os soviéticos continuaram em direção a Poznan, onde, em 29 de janeiro, entraram em território alemão, mas não foi possível seguir avançando.

Em 18 de janeiro, o 3º Exército de Guarda e o 6º Exército Soviético, operando na ala direita da 1ª Frente Ucraniana, movendo-se para o norte, se juntaram na área de Shidlovets com o 33º Exército da 1ª Frente Bielorrussa e, em conjunto, derrotaram dez divisões alemãs. Os remanescentes dessas divisões, que conseguiram escapar ao ataque inicial, foram então cercados pelas forças do 3º Exército de Guardas na área de Konsk em 20 de janeiro e destruídos.

Em 26 de janeiro, o Comando da Wehrmacht criou o Grupo de Exércitos Wisla, que consistia em 28 divisões de infantaria, tanques, motorizados e cinco

brigadas. Sua tarefa era organizar um contra-ataque a partir da Pomerânia à retaguarda das tropas soviéticas que haviam chegado ao Oder. Em resposta, o Marechal Jukov introduziu o 1º Exército Polonês e o 3º Exército de Choque na lacuna entre as frentes na região de Simonyak. Mais tarde, Jukov também teve que lançar o 47º e o 61º Exércitos Soviéticos, bem como o 2º e o 1º Exércitos de Tanques de Guardas na brecha, na direção norte. Apenas quatro formações do Exército Vermelho permaneceram na direção de Berlim. Com isso, o STAVKA teve de suspender o ataque a Berlim até que o inimigo fosse completamente derrotado na Pomerânia.

Nessas ações de contra-ataque, o Comando Alemão esperava retardar o agrupamento de choque da 1ª Frente Bielorrussa, envolvê-la em batalhas prolongadas em regiões urbanas, dispersar suas forças e criar condições para o lançamento de mais contra-ataques. Assim, as formações do 1º Exército Blindado de Guardas que chegaram a Poznan encontraram uma resistência feroz de cerca de 60 mil nazistas bem equipados. Por ordem do Marechal Jukov, as forças principais deveriam continuar avançando em direção ao Oder. Os soviéticos completaram a destruição das tropas alemãs em Poznan apenas vinte dias após a conclusão da Operação Vístula-Oder, em 23 de fevereiro.

O Comandante das tropas da 1ª Frente Bielorrussa procurou capturar as áreas fortificadas na fronteira alemã antes de serem ocupadas pelas reservas inimigas. O papel principal nessa tarefa foi atribuído às formações de tanques. Em 26 de janeiro, elas chegaram à fronteira polaco-alemã de 1939. Dois dias depois, o 2º Exército de Tanques de Guardas rompeu a área fortificada da Pomerânia em um movimento trabalhoso devido à violência da resistência nazista. Em 29 de janeiro, tendo rompido a área fortificada de Meseritsky, formações do 1º Exército de Tanque de Guardas, do 8º de Guardas, do 69º e do 33º Exércitos Soviéticos entraram na Alemanha.

A 1ª Frente Ucraniana conseguiu expulsar os nazistas do sul da Polônia e da Carcóvia, além de terem tomado a Silésia e várias cabeças de ponte no rio Oder. Com isso, as condições para avançar em direção a Berlim e a Dresden estavam prontas. Segundo o cálculo do Comandante da Frente Ivan Kónev, nos 23 dias de luta da Operação Vístula-Oder, os soviéticos derrotaram 21 divisões nazistas de infantaria, cinco blindadas, 27 brigadas de infantaria, nove de

artilharia e várias unidades separadas (Kónev, 1985, p. 69). Kónev destaca que “as tropas soviéticas assimilaram bem a regra operacional básica que consiste em alcançar os rios em frente ampla e atravessá-los em plena marcha antes do inimigo estabelecer ali a sua defesa” (Kónev, 1985, p. 68).

Em 3 de fevereiro, as tropas do Exército Vermelho que chegaram ao rio Oder capturaram cabeças de ponte na área de Kustrin. Restavam cerca de 70 km para Berlim. No entanto, em uma nova contraofensiva, os nazistas avançaram com quatro divisões e várias unidades separadas. Devido às dificuldades em operar os Exércitos Aéreos Soviéticos por conta das más condições climáticas, os nazistas conseguiram se impor por meio de sua força aérea por um tempo. Num prazo de apenas dois dias, em 2 e 3 de fevereiro, a aviação alemã cumpriu 5.080 missões, realizando duros ataques aéreos nas formações de combate das tropas soviéticas, em postos de comando, posições de tiro de artilharia e instalações de retaguarda. Além disso, os alemães lançaram inúmeros contra-ataques terrestres apoiados pela aviação (Shtemenko, 1974, p. 332). Todavia, com a melhora no tempo a partir do dia 4, os soviéticos recobram a supremacia no campo de batalha e começaram a se preparar para assaltar definitivamente os territórios alemães.

Os números

A Operação Vístula-Oder foi uma das maiores operações ofensivas da Grande Guerra Patriótica. Se no início a largura da zona ofensiva era de 500 km, no momento em que foi concluída essa mesma zona já havia atingido mil quilômetros de extensão. Durante 23 dias, as tropas soviéticas avançaram a uma profundidade de 500 km, libertaram parte significativa da Polônia e chegaram às proximidades da capital da Alemanha. Tentando deter a ofensiva da 1ª Frente Bielorrussa e da 1ª Frente Ucraniana, o Comando Alemão transferiu 29 divisões e quatro brigadas de outras zonas para o leste, inclusive das áreas onde combatiam as tropas anglo-americanas. No entanto, essas medidas não lhe permitiram evitar a derrota: 35 divisões alemãs foram destruídas e outras 25 perderam de 50% a 70% de suas tropas, além de armas e equipamentos militares. As tropas das duas frentes soviéticas capturaram 147,4 mil soldados e

oficiais, cerca de 14 mil canhões e morteiros, até 1,4 mil tanques e canhões de assalto e mais de mil aeronaves. Ao mesmo tempo, as perdas no âmbito dessa operação somaram 193.125 homens; 1.267 tanques e canhões autopropulsados; 374 canhões e morteiros e 343 aviões de combate (Minasián, 1975, p. 405).

Mesmo assim, o fim da Operação Vístula-Oder, em 3 de fevereiro de 1945, não garantiu descanso para os soviéticos. Em continuação a essa operação, eles precisaram seguir lutando para libertar a Silésia. Isso era necessário para que a Operação Berlim pudesse ser iniciada com segurança. A liberação da Baixa Silésia começou com avanços a partir das duas grandes cabeças de ponte que haviam sido estabelecidas em Breslau, ao norte e ao sul da cidade. A ideia era cercar a região fortificada pelos nazistas e analisar a possibilidade de confronto ou de se estabilizar o cerco enquanto as principais forças soviéticas seguiriam para Berlim. No início de fevereiro, a Frente Leste do Exército Vermelho encontrava-se na seguinte situação: a 1ª e a 2ª Frentes Bielorrussas lutavam na Pomerânia Oriental e a 1ª Frente Ucraniana lutava na Silésia.

Para não dar tempo aos nazistas de organizarem as suas defesas na linha do rio Oder, o Comandante Kónev decidiu agir o mais rápido possível para liberar a Silésia enquanto se movia em direção a Berlim. A ideia era atacar as forças nazistas na Silésia e já penetrar em território alemão logo na sequência. Em 8 de fevereiro de 1945, tropas da 1ª Frente Ucraniana destruíram as defesas nazistas nas cabeças de pontes ao largo das margens ocidentais do rio Oder, iniciando a libertação da Baixa Silésia. Destruíram também as suas reservas e conseguiram manter a integridade das suas unidades de choque, cercando dessa maneira Breslau, a principal fortificação nazista na região, no dia 15 de fevereiro. Depois de duros combates contra 40 mil nazistas em Breslau e mais 18 mil em Glogau, os soviéticos conseguiram alcançar o rio Neisse e penetrar na província alemã de Brandenburgo, onde encontraram a 1ª Frente Bielorrussa e puderam iniciar o ataque a Berlim (Grechko, 1985, p. 81).

A ideia dos nazistas era fazer os soviéticos acreditarem que as tropas cercadas em Breslau poderiam romper o cerco e que isso obrigaria o Comando da 1ª Frente Ucraniana a deixar grandes forças na região. Tinham também o objetivo de enfraquecer a frente de batalha soviética, instigando forças nazistas a atacá-la na direção de Breslau, além de pressioná-las de modo a atrasar

consideravelmente o seu avanço para Berlim. No entanto, os relatórios de Inteligência do Exército Vermelho mostraram que os nazistas em Breslau estavam estáticos por falta de recursos.³ Assim, o Marechal Kónev deixou somente o 6º Exército Soviético no cerco e seguiu com o grosso de suas tropas para Berlim (Kónev, 1985, p. 83). Em 15 de março de 1945, as forças da 1ª Frente Ucraniana tomaram Neustadt. No dia 18 de março, conseguiram avançar até o sopé dos Sudetos, concluindo assim a liberação da Baixa Silésia.⁴ Pouco menos de um mês depois, em 16 de abril de 1945, dava-se início à ofensiva soviética contra Berlim, a capital do Terceiro Reich. O que parecia impossível alguns meses antes tornara-se então realidade. A Alemanha Nazista estava prestes a ser derrotada em definitivo, graças ao sucesso obtido pelo Exército Vermelho durante a Operação Vístula-Oder.

Considerações finais

A Operação Vístula-Oder foi um marco decisivo na derrocada do Terceiro Reich, demonstrando a superioridade estratégica e tática do Exército Vermelho na fase final da Grande Guerra Patriótica. A ofensiva soviética não apenas libertou vastas regiões da Polônia, incluindo Varsóvia e a Silésia, mas também abriu caminho para o avanço direto sobre Berlim, palco final do conflito. A resistência alemã, apesar de feroz, não conseguiu conter a velocidade e a força dos ataques soviéticos, que utilizaram artilharia massiva e operações coordenadas de blindados e infantaria. Este capítulo procurou evidenciar como a Operação Vístula-Oder consolidou o papel do Exército Vermelho como o principal responsável pela libertação do Leste Europeu, selando, assim, a derrota da Alemanha Nazista e o fim do maior conflito já vivenciado pela humanidade.

3 As forças nazistas de Breslau ficaram ativas por quase três meses na retaguarda soviética, sendo eliminadas somente em 6 de maio pelo 6º Exército Soviético.

4 Com isso, privaram os nazistas de socorrer a guarnição que ficara cercada em Breslau na operação de 8 de fevereiro.

Referências

Grechko, A. A. (Org.). (1985). *Missão libertadora das forças armadas soviéticas na segunda guerra mundial*. Livraria Ciência e Paz.

Kónev, I. (1985). *Ano de 1945*. Edições Progresso.

Minasián, M. (1975). *La Gran Guerra Patria de la Unión Soviética: 1941-1945*. Editorial Progreso.

Shtemenko, S. M. (1974). *El Estado Mayor Central durante la guerra*. Editorial Organismos.



Figura 3.1 – Ofensiva do Vístula-Oder – Progressão do Exército Vermelho entre 12 de janeiro e 2 de fevereiro de 1945 (em rosa no mapa).

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).



Figura 3.2 – Tropas soviéticas durante a Ofensiva do Vístula-Oder.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).



Figura 3.2 – Bombardeio do grupo alemão por tropas da Primeira Frente Bielorrussa, usando morteiros do tipo Katyusha.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).